



PEQUENAS MULHERES? INVESTIMENTOS E PRÁTICAS CORPORAIS DE EMBELEZAMENTO NA INFÂNCIA

Bianca Salazar Guizzo¹

Embora hoje meninas/mulheres e meninos/homens se preocupem com a aparência, sobre as primeiras a responsabilidade e as cobranças para se manterem dentro dos padrões de beleza vigentes ainda são bem maiores. Responsabilidades e cobranças oriundas de infinitas instâncias culturais, visuais e sociais que têm o poder de produzir, demarcar, regular e diferenciar corpos.

Essa preocupação que atinge especialmente meninas e mulheres não é aqui entendida como algo inerente e natural aos sujeitos femininos, mas sim entendida como parte de um sistema histórico, social e cultural estabelecido e propagado. Vigarello (2006, p. 23) argumenta que no século XVI a “beleza (...) só se definia no feminino, combinando inevitavelmente fraqueza e perfeição (...) A beleza valorizava o gênero feminino a ponto de aparecer nela como a perfeição”.

Séculos mais tarde, como nos conta Sant’Anna (2000; 2001), especialmente as mulheres conquistaram o direito de expor o corpo e ocupar-se dele em nome da beleza. Segundo a autora, o belo – considerado um dom divino, passou a ser pensado como resultado de um trabalho contínuo sobre si, ou seja, não é suficiente nascer bonita, mas é necessário (re)construir todos os dias a beleza que já se tem ou a que se almeja ter.

Na sociedade brasileira a valorização e simultânea preocupação com o corpo são ainda mais evidentes principalmente quando nos referimos às mulheres, pois o Brasil carrega a representação de que aí elas são, além de bonitas, sensuais. Ademais, por ser um país de clima predominantemente tropical, em todas as estações do ano corpos estão mais expostos, mais visíveis. O corpo parece ser a chave de tudo, parece ser o caminho para muitos destinos. Através dele e dos aparatos que colocamos sobre ele demonstramos muito do que somos e de quem nos constituímos.

Hoje, as representações atreladas ao belo/a que por nós circulam, ajudam-nos a pensar que ser gordo/a, parecer (ou ser) velho/a (entre outras características) são tomados como símbolos da feiúra, sinal de falta de força de vontade associada à baixa auto-estima. Já ser magro/a, parecer (ou ser) jovem, ao contrário, é geralmente visto como algo desejável e interpretado como sinônimo de felicidade. A busca pela beleza se tornou sinônimo de amor-próprio e a busca de um corpo ‘perfeito’, o principal bem. Aqueles/as que pelos menos não tentam, são vistos/as como

¹ Licenciada em Pedagogia (habilitação Educação Infantil) e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente realiza o curso de Doutorado, com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na mesma universidade. Realizou Doutorado Sanduíche na Universidade de Barcelona (UB).



preguiçosos, relaxados, relapsos consigo mesmos/as, ainda mais levando-se em conta as inúmeras possibilidades que hoje estão disponíveis e auxiliam na construção desse corpo.

A atual valorização do corpo humano em toda parte e a multiplicação de técnicas e terapias, amplamente divulgadas e progressivamente acessivas para que cada um aperfeiçoe e intensifique a boa forma, a beleza e o vigor físico e mental; as próteses eletromecânicas ou químicas, a engenharia de tecidos, a clonagem, etc; acompanham uma intensa exploração comercial. [...] O corpo se tornou o principal objeto de consumo [e investimento] no capitalismo avançado (acréscimos meus)².

Tal valorização do corpo tem preocupado não só adultos, mas também crianças. O objetivo desse trabalho, então, é mostrar como crianças, de uma turma de Educação Infantil, investem em certas práticas para serem consideradas belas. Levando em conta tal objetivo, são exploradas situações desenvolvidas no cotidiano escolar dessa turma. As falas, os comportamentos e as atitudes dessas crianças são repletos de discursos que circulam em locais aos quais têm acesso. Expressões como “cabelo ruim/pixaim/bombрил³”, “orelha de abano/Dumbo⁴”; “leitão” para se referir ao tipo de cabelo, ao formato das orelhas e à forma do corpo, respectivamente, são recorrentemente proferidas pelas crianças quando ocorrem desentendimentos entre elas. Vê-se que as características hereditárias atuam significativamente, mesmo que de forma inconsciente, para posicionar as crianças. No Brasil as heranças genéticas que incluem a cor da pele, o tipo de cabelo, espessura dos lábios e do nariz são significadas como diferenças que importam para demarcar diferenças raciais, bem como para classificar alguém como bonito/a ou feio/a.

As expressões citadas anteriormente, que denotam a idéia de que certas características físicas, nas quais algumas crianças se encaixam, estão fora do padrão, são muito mais utilizados em relação às meninas. E estas, desde pequenas, são cientes disso e já se valem de determinadas estratégias para tentar disfarçar aquilo que, provavelmente, não agrada a sociedade em geral e nem a elas mesmas.

Sabrina considera suas orelhas muito grandes. Então, para escondê-las, ela nunca utiliza cabelos amarrados. Fernanda não utiliza mini blusas porque tem vergonha de sua barriga que considera muito grande. Karen não usa seus cabelos soltos, exceto quando sua mãe alisa-os (Caderno de anotações, 12.11.2007).

Desde crianças, elas já se auto-regulam e se auto-vigiam, achando-se feias e com vergonha de seus corpos. Elas parecem entender que beleza e corpo são fundamentais na sociedade

² COUTO, E. S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, E. S. e GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007, p. 41-54.

³ Bombрил é uma das marcas fabricantes de lã de aço mais conhecidas no Brasil e tal lã é recorrentemente comparada aos cabelos extremamente encaracolados característicos de pessoas afro-descendentes.

⁴ Dumbo, personagem da Walt Disney, chama a atenção por ser um elefante de orelhas enormes. No Brasil, em geral se coloca esse apelido quando a pessoa possui orelhas grandes, chamadas de abano.



contemporânea. Louro (2000, p. 69) discorre que a “vigilância [...] é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas [...] é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a se examinar, controlar e governar”.

As meninas não apenas procuram esconder aquilo que pensam ser seus defeitos, como também investem em práticas para se tornarem ainda mais bonitas, utilizando-se de várias técnicas para melhorarem seus visuais. Com apenas 5/6 anos, para algumas delas, é fundamental a utilização do batom, por exemplo:

Na hora do brinquedo livre, Talita, Gabriele e Tainá estavam maquiando-se e passando batom. Conversando com elas, Gabriele mencionou: Eu não saio de casa para vir para a escola sem batom. Eu questionei o motivo, ao que ela respondeu: porque eu fico mais bonita e todas as mulheres quando saem de casa, tem que sair de batom para ficarem mais bonitas (Caderno de Anotações, 09.04.07)

Há outras que inclusive utilizam produtos químicos para colorir seus cabelos:

São duas as meninas da turma que já utilizam algum tipo de produto químico para alterar a cor natural dos cabelos. Uma delas, desde o início do ano, faz luzes loiras no cabelo que naturalmente é castanho escuro. A outra, em uma segunda-feira, chegou feliz da vida na escola, mostrando as luzes vermelhas que sua mãe havia feito no seu cabelo que naturalmente é castanho claro (Caderno de Anotações, 24.05.07).

Percebe-se, em função dos casos acima mencionados, o quanto o corpo é significado culturalmente. Ele pode ser considerado um local de inscrição de significados da cultura. O exemplo do valor atribuído aos cabelos é um que vai nessa direção. Os cabelos são uma das grandes preocupações e investimentos de mulheres e meninas.

No Brasil, o modelo que ainda vigora, embora se saiba que há uma imensa mistura de raças, é o estadunidense e europeu, ou seja, cabelos lisos, compridos e claros. Não é a toa que, hoje em dia, infinitos tratamentos são oferecidos no mercado estético-capilar, como: escova progressiva, escova inteligente, escova de chocolate, escova marroquina, escova indiana, chapinha, escova tradicional, etc.

Mulvey nos auxilia na compreensão desse comportamento que meninas e mulheres têm se valido na tentativa de cada vez mais potencializar sua aparência de acordo com padrões hegemônicos difundidos:

[...] a imagem da mulher que circula na mídia, tornou-se um significante central, não apenas para o olhar masculino, mas para o processo de subjetivação e construção das mulheres [crianças, jovens e adultas] como



sujeitos. Assim, nós vivemos um novo regime do corpo, de construção corporal, mulheres tentando se adaptar a essas imagens poderosas de beleza⁵.

Complementando essa idéia, basta analisarmos a infinidade de anúncios publicitários, propagandas, novelas que dizem que corpos, cabelos, formas, peles, maneiras de se vestir podem ser melhorados. Anúncios que nos convidam a experimentar diversificados aparatos estéticos, tecnológicos, farmacêuticos e médicos para que possamos nos aproximar dos padrões esperados. É assim que uma pesada disciplina, articulada por meios complexos, às vezes invisíveis e camuflados na nossa sociedade, regula corpos, formas, atitudes, prazeres, dores e transformações.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que, em razão da preocupação cada vez mais precoce que meninas têm demonstrado com relação à aparência, o mercado de cosméticos voltados especificamente para essa faixa etária têm crescido consideravelmente. Em se tratando de meninas mais velhas oriundas de classes sociais mais elevadas, já é possível falar em estratégias mais duradouras, como tratamentos capilares para fins de alisamento e cirurgias plásticas.

Há uma maior flexibilidade quando um menino é dotado de uma característica física fora dos padrões de beleza contemporâneos. Mesmo que alguns meninos da turma pesquisada também sejam dotados dessas características, raramente elas são salientadas em caso de brigas e desentendimentos. Até mesmo os meninos que são um pouco gordinhos se sentem no direito de chamar suas colegas, também gordinhas, através de apelidos depreciativos, dentre os quais podem ser citados: “leitão”, “botijão” e “baleia cor de rosa”.

Rafael, um menino bastante gordinho, com frequência dirige-se às suas colegas através de apelidos vinculados às suas características físicas. Muitas vezes chama sua colega Fernanda de “baleia cor de rosa”, apesar de inúmeras vezes já termos conversado que devemos chamar os/as colegas pelos seus próprios nomes. (Caderno de Anotações, 06.08.2007)

Em relação à obesidade, vale destacar a pesquisa de Martins (2006), que faz uma discussão sobre a forma como nos livros de literatura infantil atuais, em decorrência dos discursos que circulam na mídia impressa e televisiva, há uma ojeriza aos corpos gordos percebidos pelas crianças como feios, doentes e desleixados. Ou seja, ser gordo/a é visto como anormal. Ao contrário, ser magro/a se constitui como a norma. Sobre conceitos e comportamentos que são considerados normais, Weeks (1999, p. 62) argumenta que aquilo que é tomado como norma, no caso, ser magro/a não necessita “de uma definição explícita; ela se torna o quadro da referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos”.

⁵ MALUF, S. W.; MELLO, C. A.; PEDRO, V. ‘Entrevista com Laura Mulvey’, *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 2, 341–362, 2005.



Sujeitos masculinos têm se preocupado cada vez mais com a aparência, porém tal função ainda é tida, especialmente pelo discurso do senso comum, como prioritariamente feminina. Quando meninas/mulheres não estão incluídas nos padrões para serem consideradas belas, as cobranças sobre elas são bem mais fortes do que a meninos/homens que se encontrem na mesma posição.

Sant'Anna (1995) nota que no Brasil, desde o princípio do século passado, poderosos investimentos associados tanto à beleza, como à saúde foram postos em prática especialmente em se tratando de corpos femininos. Muitas vezes tais investimentos eram realizados com o objetivo de agradar aos homens, isto é, as práticas de embelezamento vislumbravam prioritariamente agradar o olhar masculino.

As crianças têm também a compreensão de que os padrões estabelecidos para as meninas são praticamente os mesmos para as gerações mais velhas. Apesar da pouca idade, elas costumam classificar quais são as professoras, as mães, as irmãs, tidas como bonitas ou feias. As representações articuladas ao “ser gorda” ou ao “ser magra” têm um peso importante para estabelecer o critério de beleza ou feiúra.

Na festa de aniversário de um dos meus alunos, a mãe dele (que está na faixa etária de mais ou menos 40 anos) estava comendo um brigadeiro. Quando ele a viu comendo, ela deu uma risada e comentou comigo: “O Diego não pode me ver comendo essas coisas, o sonho dele é me ver magra, ele tem horror a pessoas gordas”. (Caderno de Anotações, 24.05.07).

A partir desse exemplo, é possível observar o quanto as crianças também incorporam tais padrões de beleza impostos pela nossa cultura. Elas sabem, por exemplo, que é praticamente inaceitável ser gordo/a⁶. Isso se dá pelo fato de as imagens às quais elas têm acesso apresentarem corpos magros e esbeltos que acabam se tornando modelos a serem seguidos. Ao lado da informação e do divertimento propiciados por tais imagens oferecidas pela mídia e pela publicidade, há também a formação dos sujeitos sociais, uma vez que elas acabam, de certa maneira, condicionando o modo como percebemos e pensamos o mundo (WALKER e CHAPLIN, 2002).

É possível falar ainda nas indústrias dos ramos estético e alimentício que fabricam uma infinidade de produtos que vão desde cosméticos até alimentos denominados *diet* e *light*. Em decorrência disso, independentemente da idade, o importante é ser ou estabelecer uma série de estratégias para ser magro/a, já que possibilidades para isso não faltam. Muitas dessas indústrias têm intensificado o foco no público infantil e com ele estão tendo faturamentos consideráveis.

⁶ Essa ojeriza ao ser gordo/a é cada vez mais forte na sociedade brasileira. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o Brasil é o país que na atualidade mais realiza cirurgias plásticas.



Nas brincadeiras de faz-de-conta que as crianças elaboram, várias são as ocasiões em que as meninas assumem papéis de dançarinas, apresentadoras, participantes do *Big Brother Brasil*⁷, cantoras e atrizes que estão em voga na mídia. Mas tais personagens que elas tentam imitar em suas brincadeiras são, via de regra, mulheres jovens, bonitas, populares, que se destacam pela sensualidade. Nunca presenciei alguma situação em que as meninas tivessem optado por interpretar alguém que fosse feia, velha e/ou gorda. Ao assumirem tais papéis elas se valem de diferentes técnicas, como é o caso da utilização de maquiagens.

Na infância brasileira beleza é tudo?

A todo o tempo, representações são criadas e recriadas para fixar identidades desejáveis e “normais”. As representações sobre o que é ser belo/a são reiteradamente mostradas na mídia e, desde muito cedo, compreendidas e incorporadas pelas meninas. Del Priore (2010, p. 6) diz que “A tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação. Ela precisa se identificar com o que vê na mídia”. Muitas vezes, meninas e mulheres buscam aproximar-se/parecer-se com aquilo que vêem. No entanto, quando não conseguem, frustram-se.

Fernanda é uma criança gordinha. Hoje, na hora do lanche, quando eu estava por perto da mesa em que ela estava merendando, ela me disse: “Profe minha irmã me disse que sou gorda, que é para mim (sic) parar de comer ... só que eu gosto, não consigo ... (Caderno de Anotações, 19.10.2007)

Mas o que leva uma menina de apenas 5 anos a proferir frases como essas? Algumas crianças com as quais trabalhei, demonstravam vergonha do próprio corpo, na medida em que se valiam de estratégias para escondê-los, como no caso da menina que tinha orelhas de abano, ou da outra que jamais ia de cabelos soltos, caso eles não estivessem bem alisados.

Há um discurso que reitera a importância de se ter bons e balanceados hábitos alimentares desde a infância, bem como praticar atividades físicas, mas daí a aparência e a preocupação com ela tornarem-se uma obsessão é bastante diferente. Atualmente há um forte discurso que associa a gordura à falta de amor próprio, à falta de cuidados consigo mesmo. Entretanto, nem sempre foi assim.

⁷ *Big Brother Brasil* é a versão brasileira de um reality show que acontece em diversos países do mundo. No início desse programa há aproximadamente 16 homens e mulheres maiores de idade que por um determinado período de tempo ficam vivendo em uma casa completamente isolada do mundo real. Aí, semanalmente um/a participante é eliminado/a. Ao longo do programa, eles e elas participam de provas e desafios com o objetivo de ser o/a grande vencedor/a e ganhar um milhão de reais.



Os pensamentos, os sentimentos e as ações que temos em relação aos corpos gordos não são naturais, mas produtos da operacionalização de um dispositivo da magreza que nos subjetiva e nos organiza de uma determinada forma.

[...] a mídia participa de um dispositivo da magreza, tomado aqui como uma rede de inteligibilidade lançada sobre o sujeito gordo. Esse dispositivo tem como finalidade a produção de corpos magros – em função de uma suposta qualidade de vida, de menores gastos governamentais com problemas decorridos da obesidade, de imperativos da moda ... – e opera, dessa forma, contra o gordo, mostrado, e muitas vezes denunciando, os males de estar nessa condição ⁸.

A aversão e a reprovação que se tem frente ao ser gordo são resultados das representações sobre o ser gordo que circulam em inúmeros espaços sociais e culturais, posicionando o corpo gordo como disforme, doente e feio. Tais representações propagam não apenas idéias relacionadas à aparência de um corpo gordo, mas outras características como preguiça, desleixo e falta de autocontrole que acabam sendo “coladas” às identidades de pessoas acima do peso (Idem).

De acordo com Felipe (2003, p. 55), “o constante apelo à beleza [...] tem encontrado não só acolhida entre mulheres mais maduras, mas também entre as jovens e meninas [...] que freqüentam cada vez mais cedo as academias de ginástica” ou exercem outras formas de controle sobre seus corpos, tal como iniciar uma dieta. Como exemplo disso, a autora comenta o fato de uma criança de seis anos ter pedido à mãe para só comer alface, com medo de engordar. Discursos e imagens presentes no nosso cotidiano produzem uma “vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, mas que é exercida pelos próprios indivíduos” (LOURO, 2000).

Em contrapartida, em alguns casos, o corpo pode ser visto como uma potente ferramenta de ascensão econômica e social.

Como em tantas outras vezes algumas meninas estavam “fazendo de conta” que eram modelos, dançarinas e outras celebridades. Aproximei-me delas e perguntei: “de que vocês estão brincando?”. Aline imediatamente respondeu: “de desfilar”. Andressa logo complementou: “eu quero ser modelo pra poder ter um monte de roupa bonita e tá sempre arrumada”. Sandra também quis participar da conversa e disse: “eu já desfilei um monte de vezes ... até já ganhei “Gatinha Mirim”, a minha mãe vai me colocar no curso de manequim e modelo ... (Caderno de Anotações, 19.09.2007)

Adelman e Lennita (2009) consideram que o corpo muitas vezes é visto como um principal instrumento de sobrevivência e, por isso, frequentemente é alvo de constante investimento e aperfeiçoamento. Meninas e mulheres encontram poderosas razões para investir em um projeto do corpo e do embelezamento. Diversas meninas e jovens advindas de diferentes classes, incluindo-se

⁸ MARTINS, J. *Tudo, menos ser Gorda! A Literatura Infanto-Juvenil e o Dispositivo da Magreza*. 2006. 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



aí especialmente as mais baixas, tomam seus corpos como a principal fonte para escapar da pobreza. Daí é que o corpo passa a ser visto, inclusive por elas mesmas, como um “corpo negócio”.

Ou seja, o fato de as meninas almejarem ser bonitas abrindo assim a possibilidade de sonharem em um dia virem a ser modelos ou outros tipos de celebridades está muitas vezes relacionada à idéia de que através da beleza e da aparência se pode ascender social e financeiramente relativamente rápido. Já que muitas delas não têm maiores oportunidades para almejar ingressar em qualquer outro tipo de carreira profissional que possibilite um bom retorno financeiro.

Nesse mesmo sentido, Bordo (1997), em relação ao poder que o culto à aparência tem se tornado relevante entre menininhas e mulheres, sugere que esse aspecto pode estar ganhando força sobre outros aspectos de suas vidas, como, por exemplo, preocupar-se com os estudos. A autora argumenta que o corpo parece ser uma das únicas coisas sobre a qual elas têm controle e que pode lhes garantir algum status social, valor ou apreciação. É o corpo visto, como antes disse, como “corpo negócio”.

Cabe aqui, entretanto, uma ressalva: as meninas gostam de se produzir, não poucas vezes de maneira que as tornem sensuais e, por que não dizer, alvo de desejo de alguns homens. As meninas com as quais convivi, contudo, em momento algum demonstraram ter por objetivo seduzir alguém. Embora elas não tenham essa idéia, elas acabam tornando-se alvo de desejo e admiração por parte de homens mais velhos. E isso poderíamos relacionar à questão da pedofilização planteada por Felipe (2003). Ou seja, elas involuntariamente são colocadas como meninas desejadas, admiradas e, as vezes, consumidas principalmente por sujeitos adultos masculinos.

O filme estadunidense “Pequena Miss Sunshine” (2006) aborda essa preocupação excessiva que está atingindo meninas pequenas e os sonhos que elas alimentam de, quem sabe um dia, serem *top models* conhecidas e bem sucedidas profissional e economicamente. No referido filme a menina Olive de apenas sete anos recebe um convite para participar de um concurso de beleza infantil chamado “Pequena Miss Sunshine”. Porém, como salienta Fischer (2008, p. 51), Olive “obcecada por concursos de beleza é a antítese de tudo o que se espera de alguém que deseja participar de uma disputa nessa área”.

Quando chega ao local em que acontecerá o concurso depara-se com candidatas extremamente produzidas: maquiadas, cabelos exageradamente armados e escovados, com roupas especiais para aquele momento. Olive, ao contrário das outras candidatas, usa grandes óculos, é um pouco rechonchuda e está sem maquiagem, o que gera um estranhamento por parte dos/as



envolvidos/as no concurso. Nessa mesma direção, há ainda o exemplo da brasileira Natália Stangherlin, 6 anos, que ganhou pela segunda vez consecutiva o *Little Miss World* 2009 (Mini Miss Mundo). Para estar “perfeita”, a menina usou duas próteses dentárias, coladas no local em que caíram os dentes de leite, que, segundo sua mãe, também melhoraram a dicção. Além disso, ela tem luzes nos cabelos e desfila com maquiagem.

A partir desses exemplos, questiono-me: que representações de beleza e infância estão aí sendo cultivados e propagados? Adultos, imagens, programas televisivos e personalidades que fazem parte do cotidiano dessas crianças alimentam determinados sonhos e desejos que colocam a aparência dos seus corpos como centrais. Sob essas influências e interpelações familiares, sociais e culturais, meninas encontram importantes razões para investir no projeto do corpo e da beleza desde muito cedo e, assim, vão constituindo suas identidades.

Meninos e homens também tem se preocupado com a aparência. No entanto, embora, dos anos 1960 para cá, haja uma importante tendência social de liberação do corpo diante de repressivos códigos e tabus sociais, ainda sobre o sexo feminino recaem as maiores cobranças para que invistam em um projeto do corpo (SANT’ANNA, 2000). Um corpo que precisa estar de acordo com as normas hegemônicas de beleza. Se nós, mulheres não nascemos dotadas de beleza, temos que ir em busca dela. Caso contrário, seremos, provavelmente, tachadas de preguiçosas, desleixadas e com falta de auto-estima e auto-controle.

Bibliografia

ADELMAN, M. and RUGGI, L. The Beautiful and the Abject: gender, identity and constructions of the body in contemporary Brazil. *Current Sociology*, v. 56, p. 555 – 586, 2008.

BORDO, S. *Twilight Zones: The Hidden Life of Cultural Images from Plato to OJ*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1997.

COUTO, E. S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, E. S. e GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007, p. 41-54.

FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 53-65.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Pequena Miss Sunshine: Para além de uma subjetivação exterior. *Pro-posições* (Unicamp), v.19, p.47-57, 2008. Disponível em <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/edicoes/texto354.html>. Acesso em: 08 jun. 2010.



JORDÃO, C. Entrevista com Mary Del Priore – “O espelho é a nova submissão feminina”. *IstoÉ*, ano 34, n. 2104, 2010, p. 6-11.

LOURO, G. Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul/dez 2000.

MALUF, S. W.; MELLO, C. A.; PEDRO, V. ‘Entrevista com Laura Mulvey’, *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 2, 341–362, 2005.

MARTINS, J. *Tudo, menos ser Gorda! A Literatura Infanto-Juvenil e o Dispositivo da Magreza*. 2006. 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANT’ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul/dez 2000.

_____. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VIGARELLO, G. *História da Beleza*. São Paulo: Ediouro, 2006.

WALKER, J. A.; CHAPLIN, S. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Octaedro, 2002.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.